



CORPO-CORPOREIDADE: NOTAS PARA UMA REFLEXÃO DO CORPO NA ESCOLA

Leonea Vitoria Santiago
Noémia de Belém Oliveira
Maria do Socorro Meneses Dantas
Adriane de Deus
Dayse Cassia Alves Medeiros

RESUMO

O estudo de natureza exploratório descritivo (Guerra, 2006), com base em teóricos da filosofia, da área da Educação Física e das Ciências do Desporto. Pretende discutir de modo breve corpo-corporeidade na escola; e assim enveredamos pelos diferentes modos de compreensão do corpo-corporeidade, onde passamos pelo o Corpo Pré-Industrial ao Pós-Industrial, O Corpo Contemporâneo, Aparência Corporal, e concluímos com o corpo-corporeidade na escola. Após uma leitura exaustiva procuramos estabelecer um diálogo com os autores a fim de produzirmos algumas pistas para a discussão sobre corpo-corporeidade-escola. Apontamos como considerações finais a exigência de rever os paradigmas para a Educação Física parece de fato, ser uma discussão ainda relevante. Defendemos o paradigma da corporeidade, pois não acreditamos na educação de físicos, mas sim de humanos que se movimentam por meio de uma intencionalidade operante e são agentes da sua própria vida.

Palavra-chaves: *corpo; corporeidade; educação-física; escola*

ABSTRACT

The study of nature an exploratory descriptive (Guerra, 2006), on the basis of theoretical philosophy in the area of Physical Education and Sport Sciences. Wants to discuss in brief body- corporeality in school; and so we embarked by different modes of understanding of the body-corporeality, where we went through the Body Pre-Industrial to the Post-Industrial, the Contemporary Body, Appearance Body, and we conclude with the body-corporeality in school. After an exhaustive reading we sought to establish a dialog with the authors in order to produce some tracks for the discussion on body-corporeality-school. We point out the final thoughts that the requirement to review the paradigms for Physical Education seems to be a discussion is relevant. We support the paradigm of corporeality, since we do not believe in the education of physicists, but of human that move by means of an intentionality operant and are agents of their own lives.

Keywords: *body; corporeality; physical education; school.*



RESUMEN

El estudio de carácter exploratorio-descriptiva (Guerra, 2006), basado en la filosofía teórica en el ámbito de la Educación Física y Ciencias del Deporte. Se analiza brevemente el cuerpo-corporeidad en la escuela; y así nos embarcamos por diferentes modos de comprensión del cuerpo de corporeidad, cuando fuimos a través del cuerpo Pre-Industrial al Industrial, el Cuerpo contemporáneo, la apariencia corporal y concluimos con el cuerpo-corporeidad en la escuela. Después de una lectura exhaustiva se pretende establecer un diálogo con los autores con el fin de producir algunas pistas para la discusión del cuerpo-corporeidad-escuela. Hemos identificado como consideraciones finales la requisito para revisar los paradigmas de la Educación Física parece en realidad, la discusión sigue siendo pertinente. Apoyamos el paradigma de la corporeidad, porque no creemos en la educación física, pero de los derechos humanos en movimiento a través de una intencionalidad operativa y son agentes de sus propias vidas.

Palabras clave: *cuerpo; corporeidad; educación física; escuela.*

Do Corpo Pré-Industrial ao Pós-Industrial

Do que nos é possível perceber acerca da sociedade primitiva, o homem estava exposto aos animais selvagens e às condições atmosféricas, era nômade e lutava todos os dias pela sua sobrevivência. O seu corpo era um meio para satisfazer as suas necessidades básicas, permitindo que se mantivesse vivo. Quando se juntou aos seus pares, passou a ser agricultor e o objetivo do seu corpo passou a ser a proteção da vida da sua comunidade. Os fenômenos naturais estranhos à sua compreensão eram “atos de seres superiores” que castigavam os “comportamentos reprováveis do homem” (Jana, 1995: 24). O desenvolvimento integral (físico e intelectual) de cidadãos conscientes e responsáveis era a preocupação do povo Grego. Dava importância às atividades físicas tanto a nível educativo, militar, religioso, competitivo como estético. Desta forma, o corpo representava valores como a perfeição, a beleza e a relação com os deuses, pois era através dele que se assemelhava aos deuses. O corpo era dividido em “*soma e psykhe* (...) o que é visível e (...) invisível” (Jana, 1995: 32). Na civilização romana, a preparação militar era o grande objetivo uma vez que as conquistas territoriais eram primordiais. Na outra ponta da sociedade encontravam-se os escravos, cujo corpo era desprezado. No século V a igreja apresentou-se com grande força criando fanatismos e superstições. O homem preocupava-se exclusivamente com a salvação da alma, onde a sua purificação exigia o sofrimento do corpo. Desta forma, este era visto como fonte de “pecado” (Jana, 1995: 39-41) e sobre ele eram aplicados severos castigos (a doença). Deste modo, o homem tinha de praticar o bem, as boas ações para alcançar a vida eterna junto de Deus.

Em oposição ao período medieval, surge a Idade Moderna “marcada por uma tendência de pensamento que ousou apostar na razão” (Pereira, 2006: 32). Surgem os humanistas que tentam restabelecer o ideal grego, valorizando o corpo e defendendo a união entre corpo e alma. Surge também Platão afirmando que o corpo é a prisão da alma. Este filósofo considerava que o homem era constituído por uma “alma, imortal, invisível, pura, divina, encarcerada num corpo mortal, visível, impuro e terreno”



(Jana, 1995: 37). Posteriormente, surge Aristóteles que ao defender a união da alma e do corpo, rejeita a visão negativa e dualista do corpo. Um não podia viver sem o outro.

É com Descartes (século XVII), que se dá a consolidação do pensamento dualista e a mudança para um paradigma, que dominará a Modernidade. O corpo torna-se máquina. Descartes aplicou o método matemático à reflexão filosófica, usando para isso a razão, que seria “a única coisa capaz de nos levar a um conhecimento seguro, pois nada nos garante que nossos sentidos são confiáveis” (Gaarder, 1996: 256). Assim, o corpo passou a ser observado, medido e explicado como se fosse apenas uma mera máquina (Pereira, 2006). Associou o corpo a um relógio, defendendo que os relógios e as máquinas não pensam, apenas funcionam e quando avariam basta trocar as peças para voltar a funcionar. Assim, na sua teoria o corpo não participava no ato de pensar, por isso, não contribuía para a concepção do conhecimento. O Filósofo divide o corpo em duas realidades: uma realidade corporal divisível até ao infinito, uma substância independente, a *res extensa* e, uma realidade espiritual, a *res cogitans*, a substância pensante que terá prioridade sobre a primeira (Jana, 1995). A razão passou a ser o centro de tudo “pois é por meio desta que o sujeito consciente existe. E ao corpo, coube-lhe o destino de ser apenas uma máquina que se movimenta exclusivamente sob o jugo das leis da mecânica” (Pereira, 2006: 37). Com este novo paradigma, a alma passou a ocupar uma posição superior em relação ao corpo.

Com Nietzsche, surgiu uma nova representação do corpo. O autor refutou Descartes defendendo que cada corpo vivo interpreta. Mas é efetivamente com Merleau-Ponty (1908-1961) que se concretiza uma nova mudança de paradigma. Com ele surge a fenomenologia¹ como marco importante na tentativa de superação do dualismo corpo/alma, ou seja, o afastamento do corpo-objeto passando-se para a concepção de corpo-próprio. Esta Filosofia privilegia o fenômeno na procura da essência, a experiência vivida e o ser humano como um todo. “O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim” (Merleau-Ponty, 1999: 546). Na sua perspectiva o homem não tem um corpo, ele é um corpo. E, portanto a percepção é corporal e cultural (Jana, 1995: 64). “Eu não estou diante do meu corpo, eu estou no meu corpo, ou antes, sou o meu corpo” (1999: 207-208). Autor do paradigma da corporeidade, (em oposição à concepção cartesiana: ter/ser um corpo), defende que o ser humano só pode existir se compreender que comunica com o mundo através do seu corpo que é um todo. A essência e a existência, o sensível e o inteligível, o corpo e a alma ligam-se na experiência do mundo vivido, sendo que o sujeito e o mundo se apresentam unidos pela percepção. “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (Merleau-Ponty, 1999: 14). Segundo a sua Ideologia, existe uma interação entre corpo, consciência e mundo e é na percepção que radica a fonte de todo o conhecimento. O ser humano vê e é visto. E “entre o vidente e o visível ocorrem situações de experiências corporais, tais como, o toque, o olhar, o aperto de mão, (...) o sentir e o ser sentido, o estabelecer de uma rede de relações com o mundo da vida”. (Santiago, 1999: 64)

Outra perspectiva traz-nos Foucault (1926-1984). A de poder disciplinador das sociedades. A “disciplina molda um novo tipo de relação, um modo de exercício do poder, que atravessa as instituições

¹ O termo fenomenologia deriva do grego *pháinomai* que significa brilhar, revelar ou aparecer. O fenômeno é tudo aquilo que se mostra ou aparece e a fenomenologia é o saber do que surge perante a consciência. A fenomenologia teve por precursor o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) e organizou-se como método em torno da expressão: “o retorno às coisas”. Privilegiou aspectos como: o vivido, o concreto, a unidade do sentido do sujeito, a concepção de intencionalidade do sujeito e a subjetividade (Pereira, 2006: 73). Descreve a relação intencional que une o sujeito, corpóreo e histórico, às coisas, ao outro e ao mundo.



de diversos tipos fazendo-as convergir para um sistema de obediência e de eficácia” (Le Breton, 2007: 79). Foucault alerta para a existência de mecanismos normalizadores, que a sociedade moderna institucionalizou e que permitem controlar o corpo individual e o corpo social. Estas técnicas disciplinares utilizadas ao longo do século XVII e do século XVIII, por diversas instituições, atuam (de uma forma invisível) sobre os indivíduos a fim de podê-los controlar. Ou seja, tornar o indivíduo manipulável, moldável, treinável e obediente, entendendo o corpo como um objeto ao serviço das normas de um sistema social. Nesta concepção o corpo é prisioneiro da alma. Desta forma, para dominar o corpo não é necessário usar violência ou repressão. O importante é a gestão da vida dos homens, fabricando o tipo de corpo ideal para o funcionamento da sociedade.

No princípio e ao longo do século XIX, ocorreu na Europa uma importante mudança, a Revolução Industrial. O corpo que antes construía os objetos necessários para a sua sobrevivência passou a se “obsoleto, incompleto e incapaz” (Rodrigues, 2008: 16). Surgem as linhas de montagem, os valores “do trabalho, do rendimento e do progresso” (Crespo, 1990: 465). O corpo passa a ser visto como uma máquina com peças que precisa de manutenção. Torna-se um fragmento, uma parte de um sistema de produção mais complexo, sem identidade.

A literatura do século XX volta a sofrer alterações provenientes das mudanças políticas, sociais e econômicas da segunda Guerra Mundial, ou seja, antes o corpo era o reflexo do social multiplicando-se a ciência, depois, o corpo converte-se num bem de consumo, numa mercadoria, dando liberdade a que cada um construa a sua identidade conforme os seus desejos e vontades. O tempo de trabalho diminui, aumenta o tempo de lazer e o individualismo que “traduz o aprisionamento do homem sobre si mesmo” (Le Breton, 2007: 31). A partir dos anos 70, a ideologia da repressão corporal é abandonada e até ao início da década de oitenta, poucas eram as abordagens que existiam relativamente às questões do corpo.

O Corpo Contemporâneo

A sociedade contemporânea é denominada por muitos de pós-moderna, por outros de modernidade tardia, ou mesmo de segunda modernidade (Beck, 2000). Embora com diferentes denominações, as características da sociedade atual, retratada pelos vários autores, são comuns. São elas o Pluralismo, a insegurança, o relativismo, a personalização, o hedonismo, o individualismo, a sedução, o consumo, a qualidade de vida, o efêmero e o narcisismo. Tudo o que era “seguro apresenta-se agora incerto, o que era sabido tornou-se duvidoso” (Jana, 1995: 12). Desta forma, mudança e transformação são as palavras de ordem. O fato de conhecermos com mais facilidade o apresentador do telejornal, do que o nosso vizinho do terceiro andar dá-nos uma idéia precisa do que está a acontecer. Vive-se o culto do consumo, dos tempos livres e do prazer (Pereira, 2004), onde apenas o presente, parece ter significado. O passado é arcaico e o futuro não tem sentido. Criou-se uma cultura do instantâneo, onde tudo tem de ser concretizado imediatamente. Fazem-se seguros para automóveis, pedem-se empréstimos, entregam-se as compras em casa, tudo é resolvido na hora, via telefone ou internet e de preferência sem sair do sofá. De produtores passamos a consumidores, onde o que é importante é ter e parecer. Os bens materiais e a sua exibição são cada vez mais valorizados, girando tudo à volta da economia e das leis do mercado. “Acumular primeiro para adquirir depois deixou de fazer sentido” (Gomes, 2008: 160-161). Primeiro consome-se e só depois é que se opta por uma das muitas facilidades criadas de pagamento.

A sociedade disciplinar dá lugar à sociedade de controlo, onde a noção de risco substitui a noção de norma. Vários são os exemplos de controle. Desde a telefonia móvel, em relação ao qual



demonstramos já uma elevada dependência, ao *ship*, que embora atualmente seja usado apenas para controlar os animais, acreditamos que futuramente será aplicado também aos seres humanos. O controle não passa apenas pelo organismo biológico. Os sentimentos e a sua expressão estão enraizados em normas sociais implícitas. Ou seja, não são espontâneos, são pensados meticulosamente visando os outros.

Vivemos numa sociedade do espetáculo, da imagem, da informação, da tecnologia. A visão tornou-se um sentido privilegiado (Pereira, 2004), fazendo esquecer que os restantes sentidos são também muito importantes para a percepção do ser humano. Os concertos musicais são apreciados, não pela qualidade da música, mas pelo espetáculo visual que proporciona. Perante este panorama, o maior problema que se afigura é o fato do homem se apresentar não como “agente, mas como ator da existência social”, (Le Breton, 2007: 83) e possuir um corpo que se encontra sob a “luz dos holofotes” do discurso social (2007: 8).

Assim, todas as percepções e experiências do corpo como um todo, são interpretadas e vividas sob a “influência de crenças e atitudes culturalmente determinadas, o que equivale a dizer que existem padrões culturais de representação do corpo” (Ribeiro, 2005: 41). O corpo se manifesta no seu dia-a-dia, o modo como cada um *sente* o seu corpo e lhe dá um *sentido*, apresenta-se condicionado socialmente e ao refletirmos sobre ele, fazemo-lo apenas sobre o que é deixado ao corpo ser (Brasão, 1999).

Queirós (1996) indica que a dinâmica entre sujeito, sociedade e corpo só pode ser percebida de forma dependente. Falamos de um corpo simultaneamente biológico e cultural. Não um corpo-objeto, mas sim um corpo-próprio, modificado conscientemente segundo a doutrina imposta pela sociedade, como forma de ser aceite por ela. Atualmente tem-lhe sido dada grande importância, tornou-se mesmo, como afirma Baudrillard, o mais desejável objeto de consumo. A importância que era dada à alma, agora é dada ao corpo sob a proteção do consumo que “invade toda a vida” (Baudrillard, 1995: 19). Alvo de imensas curiosidades, intensas explorações comerciais e diferentes manipulações científicas e industriais, passaram de um corpo esquecido, escondido e reprimido para um corpo exaltado e explorado. Para Lipovetsky (1989a), nas sociedades pós-modernas, ocorre um investimento narcísico do corpo que pode ser observado através de inúmeras práticas quotidianas, a que quase todos nós nos sujeitamos.

O corpo contemporâneo eleva a imagem, a aparência, os valores externos em detrimento dos internos. Vale mais hoje, de imediato, a apresentação de uma pessoa pelas suas características estéticas, do que, antes pelo seu desenvolvimento intelectual. Assiste-se “a uma ‘coisificação’ do corpo, onde mais que a sua transcendência, importa a forma, simplesmente entendida enquanto tal” (Garcia, 1999: 122). É esta a cultura do nosso tempo, uma cultura que considera o corpo saudável, alto, magro, jovem e de perfil atlético, como a base fundamental da felicidade, dos êxitos na vida e da aceitação social. Ao mesmo tempo o corpo deixou de ser utilizado, permanecendo a maior parte no dia sentado. “Até as técnicas do corpo mais elementares como andar, correr, entre outras, recuam consideravelmente e só raramente são solicitadas na vida quotidiana a não ser como atividades de compensação e de cuidado de saúde” (Le Breton, 1999: 14-15).

Gostaríamos ainda de realçar que a partir de observações da nossa prática docente, observamos que as representações do corpo urbano são diferentes das do corpo rural. Se em meios mais desenvolvidos o corpo é visto numa perspectiva estética e os indivíduos apresentam uma relação mais atenta ao corpo, em meios com carências econômicas, o corpo é um instrumento de trabalho imprescindível à sobrevivência. Assim, os indivíduos parecem manter uma relação mais instrumental com o seu corpo. A



doença, por exemplo, é sentida como um impedimento à atividade física, principalmente a nível profissional. parecem não dar nenhuma atenção ao corpo.

Aparência Corporal

Como referimos anteriormente, pertencemos à sociedade da imagem, da aparência, onde a beleza, a juventude, a perfeição, a saúde e a aptidão física são grandes ambições definidas pelo culto da magreza. É exaltado tudo o que é exterior e superficial. Desta forma, o corpo deixa de ser um instrumento de trabalho, para passar a ser a apresentação da própria identidade, como se de um cartão-de-visita se tratasse (Gomes, Silva, & Queirós, 2000). É precisamente através do corpo que o ser humano se apresenta aos seus pares, criando-se as primeiras expectativas. É ele que nos facilita ou dificulta a relação com os outros, por isso cada sujeito empenha-se em controlar a imagem que dá ao outro, “esforça-se para evitar as gafes que poderiam colocá-lo em dificuldades ou induzi-lo a confusão” (Le Breton, 2007: 47).

A aparência corporal corresponde à ação de um indivíduo relacionada com o modo de se apresentar socialmente e abrange a maneira de vestir, de pentear, de cuidar do rosto, enfim, de cuidar do corpo, que muda conforme as circunstâncias. O ver e ser visto passaram a ser a base dos comportamentos individuais, ou seja, o ser humano tornou-se “essencialmente olhar” (Le Breton, 1992: 203), fazendo com que o corpo passe da esfera privada para a esfera pública. A partir desta premissa, o costume de manipular a aparência corporal implementou-se.

O ser humano tem agora uma nova prioridade e tudo faz para conseguir com que o corpo natural que possui se transforme no corpo “designado ideal” (Pereira, 1998: 33). Como se de um corpo rascunho (Le Breton, 1999) defeituoso e provisório se tratasse, submete-o a variadas intervenções, que o aproximem da obra final, que na maioria dos casos teima em não aparecer (Queirós, 1996). As intervenções a que nos referimos inscrevem-se na “Medicina e no Exercício Físico” (Garcia, 2005: 26), ambas tratam o corpo biológico para permitir uma efetivação visual que agrade aos outros e a si mesmo. Por sua vez, quem investe na transformação da sua aparência corporal espera receber por parte dos outros “algum retorno, seja êxito, admiração ou afeição” (Ribeiro, 2005: 30). Esta nova versão do individualismo que é o “narcisismo (...) cumpre uma missão de normalização do corpo” (Le Breton, 2007: 85). Os corpos sofrem as devidas mutações até se tornarem todos iguais. Robôs saídos de uma linha de montagem, altos, belos, jovens, saudáveis, atléticos, obedientes, discretos e silenciosos, o corpo da moda.

De acordo com Lipovetsky (1989b), há um corpo que se vê um corpo que se sente e um corpo que se toca. O corpo que se vê está na moda e seja por vergonha ou por gostar de parecerem bem, muitos são os sujeitos que mesmo com poucas possibilidades econômicas, se sujeitam a esta futilidade. Ao ser exibido constantemente nos cartazes, nos filmes, nas revistas, na indústria cosmética, no vestuário entre outras, faz com que Ribeiro (2005: 104) encare este sistema como “um sistema original de regulação e de pressão social”. A novidade em todo o processo, é que é da responsabilidade de cada um, cuidar do corpo que tem. A negligência deste cuidado resulta na rejeição por parte do grupo social a que pertence o indivíduo. “Os indivíduos estão cada vez mais atentos a si próprios” (Lipovetsky, 1989a: 14) e realizam as ações em função do que o outro vai pensar ou dizer acerca do seu corpo. Até o gesto de se olhar ao espelho (objeto indispensável na casa de cada um), reflete isso mesmo. Já não chega gostar da imagem do corpo, que sem dó nem piedade, aparece refletida no espelho, é mais importante que essa imagem agrade aos outros e que seja próxima à ideal.



Algumas partes do corpo parecem ser particularmente valorizadas. Falamos do rosto, que devido ao seu papel na interação social “é o lugar mais investido do corpo” (Ribeiro, 2005: 44). Parece não existir problema em magoar qualquer outra parte do corpo, a ponto de alterar o seu aspecto visual, porque “não modifica o sentimento de identidade” (Le Breton, 2007: 71). Por isso, o rosto é sentido como a apresentação do eu, é cuidado e protegido para causar boa impressão ao outro que o vê.

O corpo considerado ideal ultrapassa os limites da realidade biológica saudável. Mesmo assim, o indivíduo recorre às atividades físicas, às cirúrgicas, aos comprimidos para emagrecimento, aos laxantes, aos diuréticos, enfim, o culto do e para o corpo. O mercado das dietas encontra-se em grande expansão. A cada dia que passa, surgem novas dietas mais eficazes e eficientes, anunciando que atuam de forma instantânea e conseguem que se adormeça com um corpo e se acorde com outro mais magro. Se este método não resultar, pode-se sempre recorrer às cirurgias estéticas. Le Breton (2003: 47) afirma que a cirurgia estética é uma “medicina destinada a clientes que não estão doentes, mas que querem mudar a sua aparência e modificar, dessa maneira, a sua identidade provocando uma reviravolta na sua relação com o mundo”. Em certa medida, os indivíduos parecem querer o emagrecimento ou a tonificação dos músculos de forma imediata. No fundo, o que interessa são os resultados finais imediatos e não o meio que se utilizou para obtê-los. À urgência temporal se junta ao não esforço, deste modo, pretende-se que os resultados surjam no corpo deitado, imóvel, num abrir e fechar de olhos.

O que parece ser importante é a realização das intervenções cirúrgicas, mesmo que ao realizá-las, o sujeito coloque a sua vida em risco. A saúde é deslocada para segundo plano. Aliás, quando se trata de adquirir o corpo ideal, ela parece que fica esquecida, dando origem a conseqüências que podem, por vezes, ser irreversíveis. “Os esforços estéticos significam uma violência, uma agressão contra a saúde do corpo dos indivíduos e o seu efeito negativo extremo poderia ser a anorexia” (Lovisolo, 1997: 15).

A interação corpo/tecnologia é uma realidade presente em várias áreas, onde a criação de um corpo artificial, orientado para a aproximação máxima a um ideal corporal, parece ser a nova palavra de ordem da sociedade tecnológica. Este corpo artificial afasta o homem do seu corpo natural. Foi para conseguir ultrapassar a diferença entre o que nos é exigido e o que conseguimos fazer, que foram criadas as “próteses corporais” (Babo, 2004) cit. (Rodrigues, 2008: 17). A tecnologia incorporada no corpo é já uma realidade e o seu aumento parece inevitável. São exemplos o *pacemaker* neurológico, o receptor *wireless* implantado nos dentes ou o *microchip* subcutâneo para facilitar o pagamento numa discoteca. Estes objetos chegam mesmo a perder a dimensão utilitária para ganhar a dimensão simbólica de classe, poder e moda. Vivemos rodeados e dependentes das próteses tecnológicas, criando a ilusão de que qualquer desejo pode ser realizado. A telefonia celular é um bom exemplo da nossa dependência tecnológica, através dela, a nossa esfera privada é gerida. Com isto queremos dizer que a sociedade deixou de ser disciplinadora, para ser controladora. O novo comércio biotecnológico é um dos motores da economia, que como sabemos, é o fator que gere a sociedade atual. Tudo é idealizado e concretizado em sua função.

Desta forma, pensamos que a teoria defendida por Foucault em 1975 se mantém atual, tanto no nível das instituições como dos ideais corporais estabelecidos pela sociedade. Continuamos a ter corpos úteis e dóceis. Como afirma (Pereira, 1998: 30-31) “numa sociedade em que se assiste a uma imposição clara de modelos a seguir, Foucault empresta a sua noção de ‘corpo dócil’ que está sujeito e se molda de acordo com as exigências que lhe são imputadas”. Veja-se, por exemplo, os anúncios de emprego, em que a primeira exigência é precisamente a boa aparência, enquanto, que as pessoas que possuem tatuagens e *piercings* são ‘empurradas’ para os *call centers*. É esta a cultura do nosso tempo, uma cultura que



considera o corpo alto, magro, jovem, saudável e de perfil atlético, como a base fundamental dos êxitos na vida e aceitação social. É este o corpo que luta pela liberdade, mas que continua escravo de si.

São vários os programas apresentados pela televisão que orientam o indivíduo no alcance da beleza e do corpo perfeito. Mostram exemplos de pessoas que se transformaram por meio das cirurgias estéticas e conseguiram assim, encontrar a sua felicidade.

Corporeidade

Merleau-Ponty (1999) defende que o mundo não é aquilo que eu penso, mas sim o que eu vivo. Nesta relação entre corpo e pensamento, o corpo adquire relevo. A supremacia de uma entidade perante a outra, não é o objetivo. É sim “colocar no mesmo plano a essência e a existência, o inteligível e o sensível, a alma e o corpo, a razão e a emoção” (Pereira, 2006: 75). Desta forma, a expressão corporeidade refere-se à unidade do ser. É viver na perspectiva de um ser unitário e não dual, num mundo de valores existenciais, e não apenas racionais (Moreira, Porto, Carbinatto, & Simões, 2008).

Todas as ações do ser humano, ao longo da sua vida, realizam-se mediante a corporeidade. É ela que “permite ver, ouvir, saborear, sentir, tocar, e assim, colocar significações precisas no mundo que o cerca” (Le Breton, 2007: 7). É através do nosso corpo que conseguimos perceber, viver, transformar e partilhar o mundo com o outro. Como aponta Pereira (2006: 74), “na relação eu-corpo-outro-mundo, o homem vive a sua corporeidade, desejando ser reconhecido pelo outro”. O desafio é alcançar a vivência una e plena do humano no confronto com a realidade.

Reconhecemos a corporeidade como uma forma de resistência à cultura do consumismo, do efêmero, da imposição estética, do narcisismo sem limites e do controlo. O corpo vivido não é um objeto, um instrumento, ou uma máquina, é parte da nossa identidade. As pessoas percebem, relacionam-se e sofrem no seu corpo. “Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres” (Le Breton, 2007: 24). Somos seres vivos de vidas diferentes, que possuem um corpo, que por mais ninguém pode ser ocupado. Ou seja, “ninguém pode ver ou viver o mundo como eu o vejo e vivo” (Ribeiro, 2005: 22).

Estamos perante um corpo-vivido, não no sentido da vida biológica, mas da vida intencional, através da qual o homem está no mundo em situação ativa e pela qual é ser-no-mundo, agindo sobre ele. Não se consegue separar o pensamento da ação. A unidade está presente na vida. Sempre que pensamos, agimos, sentimos, experimentamos, desejamos, amamos, gozamos, sorrimos, choramos, corremos, usamos o corpo e a mente na mesma medida. Como refere Santiago (2008: 203), falamos de um corpo que é “(...) parte integrante de um sistema de ações que são suscitadas, ora pelas necessidades (respirar, comer), ora pelas vontades (nadar, correr) que é a própria tomada de consciência corporal que possibilita o ser e estar no mundo”.

O ato de perceber implica a cooperação entre o processo cognitivo e o processo afetivo-emocional. O sujeito constrói uma imagem mental que permite categorizar o objeto, isto é, incluí-lo numa determinada classe, o que corresponde a identificá-lo com uma idéia ou conceito. Ou seja, perceber é dar sentido à aparência das coisas; numa palavra, compreender. E, pelo significado que lhe é atribuído, o objeto adquire certo valor para quem o percebe. Neste sentido, “o objeto de percepção aparece ao sujeito como mais ou menos admirável, provocando uma reação espontânea de apetência ou de repulsa” (Ribeiro, 2005: 61-62).

Quando o olhar alcança uma pessoa desconhecida, é em relação à sua aparência física e aos movimentos do seu corpo, que surgem as primeiras impressões. Estas podem ser positivas ou negativas,



fazendo com que tenhamos ou não, vontade de estabelecer uma nova interação social com a pessoal em causa. Se ela acontecer, aumenta a importância dos comportamentos, das atitudes, dos sentimentos, do modo de pensar, das qualidades morais e diminui a importância da aparência física. Ou seja, à medida que a interação social se intensifica, os valores interiores adquirem relevo face aos exteriores.

Por norma fazemos apreciações estéticas sobre o corpo, uma zona do corpo ou um pormenor do corpo; emitimos juízos sobre as qualidades físicas, referindo-nos a certos padrões ideais de beleza (é grande ou pequeno, gordo ou magro). “E de certos indícios corporais inferimos intencionalidades e estados emocionais. O outro se apresenta sempre como mais ou menos admirável ou desejável” (Ribeiro, 2005: 63).

A intencionalidade é a principal descoberta da fenomenologia: “toda consciência é consciência de algo, de alguém ou de alguma coisa” (Sérgio, 1996: 87). Isso implica definir a fenomenologia como sendo a ciência da intencionalidade da consciência. Pereira (2006: 79), também indica que existe “uma estrutura intencional que se constitui numa relação com o mundo e com tudo o que nele existe”. Para que se tenha intenção de agir sobre determinado objeto ou pessoa, temos de ter consciência dela. Esta acontece quando, através dos sentidos, lhe reconhecemos características ou qualidades. É através da “percepção que lhe são dadas a experiência e a vivência do mundo e do outro (Pereira, 2006: 83-84). Tudo se vai tecendo numa harmonia e unidade absoluta.

Nesta unidade, Merleau-Ponty (1999: 474), acrescenta que a “linguagem” desempenha um papel essencial na percepção do outro. O autor explica que a fala não pode ser reduzida apenas a uma operação da inteligência e nem tão pouco a um fenômeno motor. Falar é existir e como o ser humano é um todo, tudo está misturado: o sentir, o falar, o pensar, o agir. “Toda comunicação começa no corpo e nele termina” (Baitello Junior, 2008: 95), por isso não se pode separar a linguagem verbal da não verbal. Aliás, o corpo fala. Sempre falou, mas quase nunca é ouvido.

E assim, neste momento temos um corpo que se isola que se orienta segundo os seus próprios interesses, em crise com ele e com o mundo. Um corpo que deixou de sonhar, de acreditar que é possível ter vida própria, diferente dos padrões exigidos por uma sociedade centrada no aspecto econômico e visual.

Considerações Finais: o corpo na escola

Numa sociedade onde a palavra de ordem é a mudança, a educação apresenta-se como um meio capaz de induzir mudanças nas atitudes e nas práticas diárias dos sujeitos, ou seja, uma luta por “transformações sociais” (Azevedo & Gonçalves, 2007).

Em estreita relação com as condições sociais e políticas, a escola procura formar o tipo de homem considerado ideal, numa necessária e constante adaptação, à sociedade, à sua cultura e aos seus valores. E assim, as orientações pedagógicas e didáticas devem ser definidas a partir dos problemas da vida do ser humano. A escola enquanto instituição não sobrevive isolada, e funciona de modo generalizado como um ‘espelho’ da sociedade (Queirós, 1996).

A escola é um local onde os jovens passam a maior parte do seu tempo, o que acontece é que esta se tornou num local sombrio, austero, sem espaços de convivência “onde os jovens vegetam sem qualquer motivação e interesse” (Lipovetsky, 1989a: 37), oposta aos centros comerciais, coloridos, alegres, com variadas atividades e espaços de convívio. “O corpo e o movimento têm uma presença muito reduzida na escola” (Queirós, 2002: 116). Os alunos só brincam e jogam-nos quase inexistentes tempos livres ou



então com a condição de ter primeiro realizado as obrigações escolares (trabalhos de casa, de grupo ou testes). Das muitas disciplinas que os alunos frequentam na escola, a Educação Física é a única que tem a possibilidade de educar o aluno integralmente, dando sentido e significado ao corpo, às condutas e comportamentos, criando possibilidades de movimento.

Os profissionais da Educação Física trabalham com o ser humano através do seu corpo e atuar no corpo é atuar na sociedade da qual esse corpo faz parte. Daí que, estes profissionais devem ter consciência do valor que o corpo possui, enquanto categoria central da sua atividade. A Educação Física ao longo da história foi incorporando conhecimentos acerca do corpo, porém sempre na perspectiva biológica e mecanicista. E apesar das mudanças que a sociedade tem sofrido, esta, ainda se refere ao corpo como uma entidade biológica, o “*físico tão-só*” (Pereira, 2006: 1). Os professores de Educação Física não podem ficar inertes às transformações da sociedade onde exercem a sua profissão. É necessário que a conheçam, a fim de melhorar a sua prática.

Atualmente, o processo de ensino e aprendizagem continua a ser um conjunto de práticas corporais mecanicistas e repetitivas impostas pelo professor. Neste sentido, continua-se a valorizar mais a técnica do que o aluno, levando a que se privilegiem os alunos que possuem melhores aptidões físicas, incentivando a competição e a formação de elites (Azevedo & Gonçalves, 2007). Fala-se em respeitar a individualidade dos alunos, mas continua-se a fazer os mesmos exercícios para todos eles. Pereira (2006: 71), alerta-nos que é premente “romper com a excessiva técnica, com as medidas e tabelas pré-fixadas, com os recordes a qualquer custo, com os padrões pré-estabelecidos e com um modelo de corpo imposto pelo social”. As modalidades ditas tradicionais preocupam-se mais com a execução técnica e o resultado competitivo. Já as modalidades alternativas proporcionam aventura, emoções fortes, aproximação à natureza e convívio com os amigos, aspectos valorizados pelos jovens.

O corpo nas atividades físicas “admite de modo lato uma representação social saudável, de liberdade, de bem-estar e de poder” (Santiago, 2008: 205). Desta forma acreditamos que a realização das atividades ditas alternativas e das tradicionais veiculando as representações indicadas por Santiago, possa ser o caminho para a mudança de paradigma da disciplina de Educação Física.

Pensa-se a Educação Física como prática social que quer proporcionar a apreensão da realidade, bem como a sua transformação, levando o aluno a tomar consciência de si, do outro e do mundo, pode contribuir para a sua formação integral, crítica, criativa, responsável e autônoma. É importante ensinar cada aluno a pensar, a refletir sobre as suas experiências vividas, a ser ele mesmo, porque apenas quando ele é ele mesmo, é que pode estar com o outro. Ele não existe porque pensa, mas sim porque vive no e com o seu corpo; expressão da sua existência no mundo. Aprendendo não por imposição das normas estabelecidas, mas pela vontade de aprender, de criar e agir utilizando o movimento para ‘brincar com a realidade’. Pois é no ato, que “brota criativamente a percepção da existência, compreendendo-se então que ser é agir, uma vez que é no agir que eu me faço, fazendo” (Freire, 2008. 62).

Segundo Krebs (2008: 193), a Educação Física contínua associada à manutenção da saúde e não ao fato de possibilitar o desenvolvimento integral do ser humano através da tríade “corpo – inteligência – movimento”.

A escola continua a reger-se pela “racionalidade dos meios” (Touraine, 1994, 231), pois, estrutura o ensino pela racionalidade cognitiva e instrumental, dando pouco relevo à racionalidade estética e expressiva, que, lentamente surge com uma relevância aumentada. Neste tipo de Escola não são os conteúdos, mas sim o aluno, o objetivo último da educação



A exigência de rever os paradigmas para a Educação Física parece de fato, ser uma discussão ainda relevante. Defendemos o paradigma da corporeidade, pois não acreditamos na educação de físicos, mas sim de humanos que se movimentam por meio de uma intencionalidade operante e são agentes da sua própria vida.

REFERENCIAS

- Almeida, M. **Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade.** Lisboa: Fim de Século, 2000.
- ALVES, E.; et al. Anorexia Nervosa. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro; v.24 (3), p. 503-512, mar. 2008.
- AMÂNCIO, L. Género e Representações Sociais em Portugal. In: MOREIRA, A. S. **Representações sociais: teoria e prática.** Brasil: Universitária João Pessoa, 2001. p.173-202.
- AMERICAN Psychiatric Association. **Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais (DSM - IV).** Lisboa: Climepsi. 1996.
- APFELDORFER, G. **Anorexia, bulimia, obesidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- ARMOUR, K. The case for a body-focus in education and physical education. **Sport, education and society.** Volume 4,1999, p. 5-15.
- ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Género. **Cadernos de pesquisa**, n.117, p.127-147. nov. 2002.
- AZEVEDO, A.; GONÇALVES, A. Reflexões acerca do papel da re-significação do corpo pela Educação Física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade. **Revista Conexões**, v. 5, n.º 1, p. 69-85. 2007.
- BAITELLO JUNIOR, N. Corpo e Imagem: Comunicação, Ambientes, Vínculos. In: RODRIGUES, D. **Os Valores e as Atividades Corporais.** São Paulo: Summus, 2008. p. 95-112.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo.** Lisboa: Edições 70, 1995.
- BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In:_____; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** Oeiras: Celta, 2000. p. 1-52.
- CUNHA E SILVA, P. **O lugar do corpo.** Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. 2005.
- FREIRE, J. Um mundo melhor, uma outra Educação Física. In: RODRIGUES, D. **Os valores e as atividades corporais.** São Paulo: Summus, 2008. p. 51-74.
- GAARDER, J. **O Mundo de Sofia.** Lisboa: Presença, 1996.
- GARCIA, R. Da desportivização à somativização da sociedade. In: BENTO, J.; GARCIA, R.; GRAÇA, A. **Contextos da Pedagogia do Desporto.** Lisboa: Livros Horizonte, Cultura Física, 1999. p. 113-163.
- GARCIA, W. **Corpo, Mídia e Representação: estudos contemporâneos.** São Paulo: Thomson, 2005.
- GOMES, P.; SILVA, P.; QUEIRÓS, P. **Equidade na educação: educação física e desporto na escola.** Queijas: Associação Portuguesa A Mulher e o Desporto, 2000.
- GOMES, R. Habeas Corpus. In: RODRIGUES, D. **Os valores e as atividades corporais.** São Paulo: Summus, 2008. p. 147-178.
- GUERRA, I. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso.** Estoril: Principia, 2006.



- JANA, J. **Para uma teoria do corpo humano: apresentação e crítica da teoria do corpo humano.** Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- KREBS, R. Os valores da inteligência humana no contexto das atividades corporais: um modelo teórico da inteligência humana. In: RODRIGUES, D. **Os valores e as atividades corporais.** São Paulo: Summus, 2008. p. 179-196.
- LE BRETON, D. **Anthropologie du corps et modernité.** Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- LE BRETON, D. **L' adieu au corps.** Paris: Éditions Métailié, 1999.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade.** Campinas: Papirus, 2003.
- LE BRETON, D. **A Sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIPOVETSKY, G. **A era do vazio.** Lisboa: Relógio D'Água, 1989a.
- LOVISOLO, H. **Estética, esporte e educação física: ensaios.** Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1997.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** S. Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MOREIRA, W. et al Do corpo à corporeidade: a arte de viver o movimento no esporte. In: RODRIGUES, D. **Os valores e as atividades corporais.** São Paulo: Summus, 2008. p. 127-146.
- PEREIRA, A. **Considerações acerca da relação corpo e desporto numa perspectiva ecológica.** Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. 1998.
- PEREIRA, A. **Para uma Visão Fenomenológica do Corpo Contemporâneo. Contributo a partir do Alpinismo e das Ginásticas de Academia.** Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. 2004.
- PEREIRA, A. **Motricidade Humana: a Complexidade e a Praxis Educativa.** Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. 2006.
- QUEIRÓS, P. O corpo na educação física: uma leitura axiológica. In: PEREIRA, A.; COSTA, A.; GARCIA, R. **O desporto entre lugares. O lugar das Ciências Humanas para a compreensão do desporto.** Porto: Faculdade de Desporto - Universidade do Porto, 1996. p. 173-198.
- QUEIRÓS, P. **O corpo na Educação Física.** Leitura Axiológica à Luz de Práticas e Discursos. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. 2002.
- RIBEIRO, A. **O corpo que somos. Aparência, Sensualidade, Comunicação.** Cruz Quebrada: Casa das letras, 2005.
- RODRIGUES, D. Corpo, Técnica e Identidade. In: RODRIGUES, D. **Os valores e as atividades corporais.** São Paulo: Summus, 2008. p. 11-26.
- SANTIAGO, L. **Os valores orientadores das práticas desportivas em grupos emergentes da terceira idade: um estudo sobre as suas construções simbólicas.** Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. 1999.
- SANTIAGO, L. Corpo, Tempo e Valores Contemporâneos. In: ALBUQUERQUE, A.; SANTIAGO, L.; FUMES, N. **Educação Física, Desporto e Lazer: perspectivas luso-brasileiras.** Alagoas: Edufal, 2008. p. 199-208.
- SANTIAGO, L. **Apontamentos da disciplina Métodos e Técnicas de Investigação.** Maia, 2008b.
- SÉRGIO, M. **Epistemologia da Motricidade Humana.** Lisboa: FMH, 1996.
- TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.